

ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DE UMA FREGUESIA RURAL PORTUGUESA ¹

1. A Sociolinguística Rural desloca, como o permite antever a própria designação, o interesse do linguista para as zonas campestres, que foram tradicionalmente os únicos e exclusivos cenários dos trabalhos de campo da Dialectologia (enlevada, por vezes, pelo espírito dos movimentos nacionalistas europeus) na procura e caracterização do idiolecto representativo das localidades abordadas.

Os métodos e as estratégias aplicados não diferem muito dos da Sociolinguística Urbana, dado tratar-se do estudo do mesmo objecto formal: as manifestações verbais de complexos humanos dotados de marcas sociológicas específicas. As diferenças decorrerão da análise das funções dos dados recolhidos (e do seu simbolismo social) e, ainda, da aplicação concertada de itens diversos que a translação para o ambiente rural exige.

Como é por demais conhecido, a actual situação linguística portuguesa não exhibe, em profundo grau, clivagens dialectais geograficamente localizadas (à excepção dos dialectos de base leonesa e do Barranquenho, falados até há pouco, no entanto, por colectividades de reduzida expressão numérica), como acontece em tantas outras comunidades linguísticas. Este facto, porém, não impediu a formação de falsos juízos, segundo os quais a linguagem popular seria um inferior meio de comunicação interindividual. Ora, aplicando, no universo rural, o instrumentário analítico até agora usado nas grandes metrópoles, a Sociolinguística Rural infirmará tais posições teóricas,

¹Através desta comunicação pretendo apresentar, de forma sumária, algumas das principais conclusões a que cheguei com o trabalho intitulado *Sociolinguística rural. A freguesia de Abmalaguês* (Coimbra, 1991, V-236 pags.+128 anexos+6 mapas) defendido na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Janeiro de 1992, no âmbito das Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica.

dando continuidade à reabilitação da fala do povo promovida pela Dialectologia e demonstrará que os grupos campesinos também evidenciam a existência da heterogeneidade verbal, a que não são alheias, logicamente, premissas sociais particulares.

A questão revela-se mais complexa se não descurarmos a circunstância de as comunidades rurais, outrora simbolicamente purificadoras das urbes e revestidas de importância capital nas utopias, sofrerem, na época contemporânea, rápidas e espectaculares mutações, originadas pelo desenvolvimento económico e pela evolução política das sociedades: o convívio entre os traços tradicionais e as marcas de génese citadina é, talvez, a consequência central do processo de conformação destes ambientes agora híbridos. Neles as crescentes assimetrias ocupacionais re-estruturam a rede social e a vida grupal anuncia, a cada novo passo, uma outra mentalidade: à vontade colectiva opõe-se, com progressiva firmeza, o desejo individual.

Por consequência, tentar avaliar até que ponto a variação linguística sincrónica (diastrática e diafásica) na freguesia de Almalaguês reflecte a proximidade e concomitante influência do centro urbano coimbrão pareceu-me ser a hipótese de trabalho fulcral para o estudo integrado neste recentíssimo ramo da Sociolinguística.

O debate selecciona, então, três aspectos do vasto temário sugerido pela natureza da investigação. O primeiro diz respeito à consideração da teia de interacções entre as cidades e as suas periferias rurais, no contexto moderno, que, cada vez mais, sublinha a incapacidade operatória da dicotomia cidade/campo. O segundo tema prende-se com a declaração da solidariedade social, ou, se quisermos, com a afirmação do espírito de grupo, através da expressão linguística, e saber até que ponto a adesão a modelos estranhos aos comportamentos e hábitos verbais das pequenas comunidades rurais (os chamados infra-grupos ou grupos primários) pode ser inclusivamente sentida como uma séria ameaça à coesão interna das colectividades. Por fim, temos, subjacente a estes dois tópicos, a problemática do contacto com a norma linguística dominante. A interferência do

padrão verbal, proporcionada por uma gama de mecanismos externos ou próprios das diversas coroas das cidades, revelará o grau de abertura à mudança dos vários planos do sistema linguístico em causa e tornará possível o levantamento de atitudes e opiniões (ora objectivas, ora subjectivas) emitidas pelos sujeitos falantes, de substrato rural, acerca do seu próprio produto discursivo.

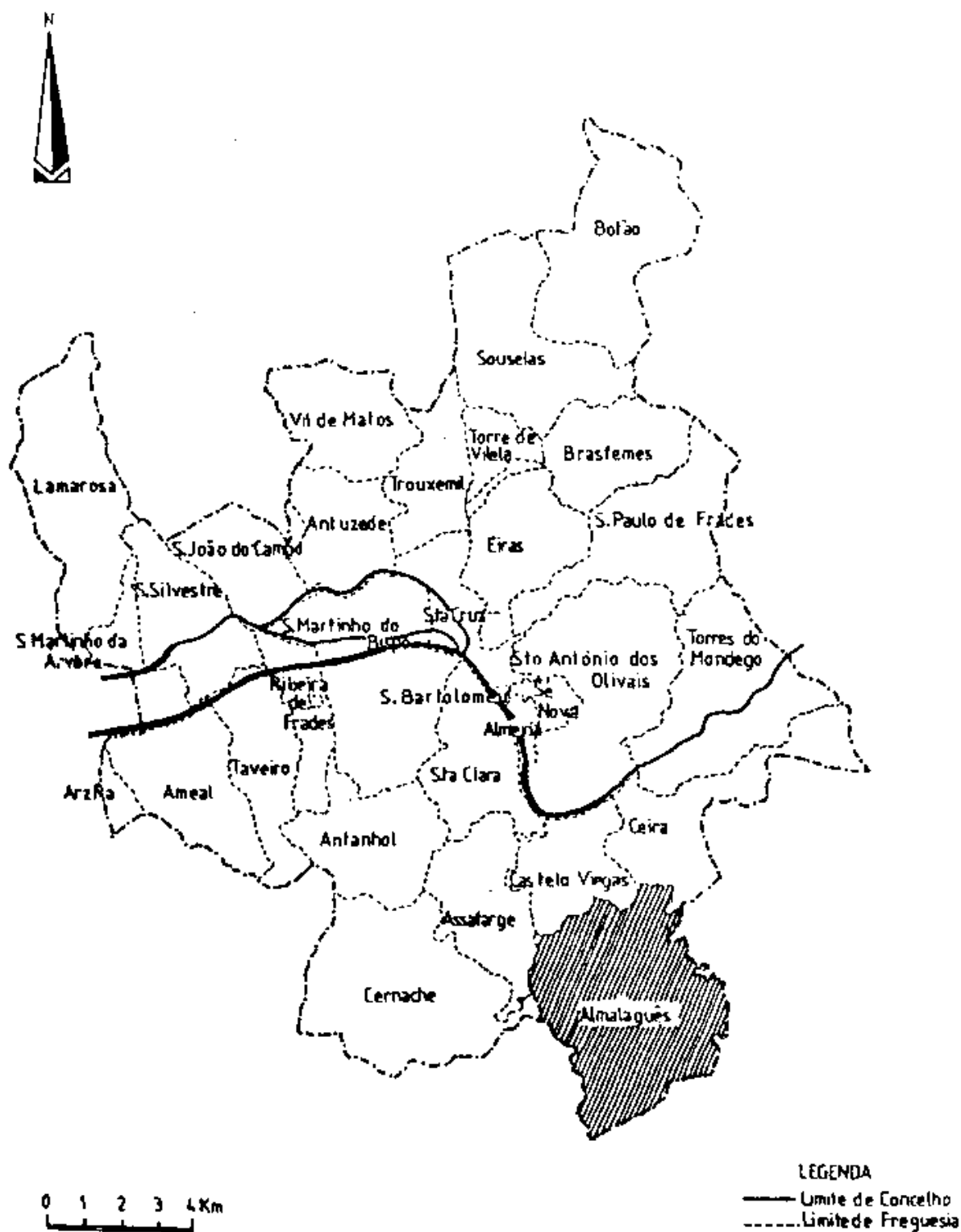
A máxima da Geografia Humana "(...) cidade e campo são entidades solidárias (...) "² permite encetar um conjunto de reflexões sobre a convivência, umas vezes pacífica, outras tumultuosa, mas sempre complementar, dos dois espaços.

Ambos pertencem a um quadro geral superior que, de acordo com a conjuntura nacional e internacional do momento, se assume como fonte de exigências sempre renovadas e dirigidas, em termos desiguais, aos cidadãos. Frequentemente, as respostas a tais solicitações provocam movimentos horizontais e verticais das populações, acompanhados pela inevitável interpenetração dos sistemas de valores interiorizados, chegando a provocar-se, em períodos limite, o choque e/ou a desintegração social das estruturas existentes.

A dificuldade encontrada na instituição de limites culturais nítidos entre os pólos advém de fenómenos como a urbanização do campo, a ruralização da cidade e o investimento esclarecido das pessoas em si mesmas, cujo fim último é a promoção individual. No decurso do meu trabalho de investigação em Almalaguês e à medida que ia ouvindo o relato das biografias dos informadores, pude aperceber-me de que a conduta pessoal (e, em alguns casos isolados, de certas famílias) se pautava por esse único objectivo.

² JACQUELINE BEAUJEU-GARNIER, *Geografia urbana*. Tradução de Raquel Soeiro de BRITO. Lisboa (Fundação Calouste Gulbenkian), 1983, pág. 381.

A FREGUESIA DE ALMALAGUÊS NO CONTEXTO DAS FREGUESIAS DO CONCELHO DE COIMBRA



O estudo da língua (e, muito particularmente, a detecção da diferença linguística - campo de análise em foco) não se pode fazer se a tentarmos isolar dos contextos em que se actualiza e se a não considerarmos como mais um dos elementos sociais funcionalmente interdependentes.

Partindo de vivências quotidianas, cada um de nós sabe perfeitamente como o exercício linguístico diferenciado contribui para a identificação do(s) grupo(s) de que fazem parte integrante os nossos interlocutores. Será, pois, divertido e aliciante justificar o carácter emblemático de certas variáveis da língua (fonéticas e fonológicas, sintácticas e lexicais, etc...) se nos dispusermos a ouvir, com a atenção devida, os produtores dos enunciados. Para além de podermos obter informações sobre a sua idade e sexo, podemos vir a descobrir os lugares de onde são oriundos, a categoria profissional que escolheram, as associações de tendências, gostos, opiniões, fins e funções que defendem, etc... Quando, todavia, se dá a fragmentação dos grupos primários apontados, por motivos dispares, deixando os elementos de estar em permanente contacto, o uso da linguagem verbal (e de outros utensílios que permitiam a vida comunal) altera-se de igual modo e o jogo empreendido no acto de observar a diferença verbal ganha uma distinta dimensão, talvez ainda mais sedutora que a anterior. Os valores da frequência de ocorrência e a distribuição das variáveis linguísticas marcadas são, para o investigador, os indicadores do grau de lealdade do sujeito falante para com o grupo de origem e do de (tentativa de) adesão ao novo conjunto.

O estudo da variação linguística, assim enquadrado, possui amplo poder explicativo quando se considera a coexistência da norma dita prescritiva e das práticas linguísticas quotidianas, no âmbito dos diferenciados grupos socioculturais, cujas regras orientadoras não coincidem, em medida variável, com os preceitos das decisões normativas.

Qualquer tipo de acção individual, em sociedade, é regulado por parâmetros ratificados pelo conjunto e o uso singular da língua encontra-se igualmente controlado pelo dirigismo linguístico, hoje exercido pela burguesia urbana culta. Foi segundo este sentido que manuseei o conceito de padrão verbal³.

Fica, assim, esclarecida a ligação intrínseca entre a história social de uma supra-comunidade e as estruturas linguísticas de referência por ela adoptadas.

Na mesma linha de raciocínio, compreende-se de que forma a hegemonia linguística, assente no princípio da dominância de uma variedade verbal sobre as demais normas (no caso português), destituídas do estatuto de lei, favorece a distinção social a quem mais se aproximar do ideal preconizado⁴.

A tendência da regulação linguística, em alguns Estados usada como pretexto de uma unificação e/ou democratização politicamente imprescindíveis, tem como adjuvantes o aparelho de referência e o de difusão. No primeiro é comum incluírem-se as academias e comissões de defesa da língua, as gramáticas, os dicionários, os textos de autores consagrados, as obras de teor religioso, científico e técnico, etc... No segundo surgem as escolas, variadas organizações económicas e culturais, os meios de comunicação social, os organismos da administração pública, etc... Ambos congregam em si obras e instituições que ilustram e defendem o imperativo ortoépico, morfológico, sintáctico, ortográfico e estilístico.

³ Dando eco à definição de norma explícita de Stanley Aléong: "(...) ensemble de formes linguistiques ayant fait l'objet d'une tradition d'élaboration, de codification et de prescription. Elle se constitue selon des processus sociohistoriques (...) Codifiée et consacrée dans un appareil de référence, cette norme est socialement dominante en ce sens qu'elle s'impose comme l'idéal à respecter dans les circonstances qui appellent un usage réfléchi ou contrôlé de la langue (...)". *Normes linguistiques, normes sociales, une perspective anthropologique*. In: *La norme linguistique*. Textes colligés et présentés par Édith BÉDARD et Jacques MAURAJIS. Québec et Paris (Conseil de la langue française - Le Robert), Collection L'ordre des mots, pág. 261.

⁴ Tal supremacia é ainda reforçada pela articulação do princípio citado na nota anterior com o da coerência do sistema, assim definido: "(...) il existe un ensemble d'éléments formant système qui constituent la spécificité même de la langue et qui autorégulent le fonctionnement du système linguistique de chacune de ses variantes". JEAN-CLAUDE CORBEIL, "Éléments d'une théorie de la régulation linguistique". In *op. cit.*, pág. 298.

Sendo difícil evitar a influência do modelo verbal e, em casos sociais particulares, nada aconselhável o desrespeito pelo normativismo, a presença da língua modelar é mais visível nas situações de discurso eminentemente formais. Um dos grandes desafios subentendido pela hipótese de trabalho, acima formulada, e testado durante a aplicação do meu inquérito em Almalaguês, consistiu em observar, com muito cuidado, até que ponto as situações menos formais eram afectadas pela norma linguística e descortinar a distribuição grupal do fenómeno. Só assim pude avaliar, em moldes diafásicos e com relativa precisão, o grau de penetração efectiva da variedade linguística dominante no repertório verbal da comunidade rural que me propus estudar.

Seria supérfluo afirmar a necessidade de um suporte teórico sistemático para que a Sociolinguística Rural se constitua como uma área de especialização da Linguística. A Linguística Geral e o conhecimento científico da língua natural em questão, bem como a Sociologia, fornecerão, claro está, os elementos basilares às investigações nesse "universo pluriculturale di ogni comunità rurale contemporanea"⁵.

2. O trabalho sobre a freguesia de Almalaguês inscreve-se nesta linha de estudos, dedicados à observação de comunidades linguísticas heterogéneas, com o objectivo primordial de estabelecer correlações entre os matizes e comportamentos sociológicos (as chamadas variáveis extra-linguísticas) e a diversidade na actualização de determinadas formas verbais (as denominadas variáveis linguísticas).

A investigação "in loco" repartiu-se por duas fases que me permitiram avaliar aspectos diversificados da realidade verbal e social: o Estudo-Piloto (1º trabalho de campo), durante o qual as minhas relações com os habitantes foram do tipo social/pessoal,

⁵ MARILENA TIUGAN, "Problemi di metodo della investigazione sociolinguistica nelle comunità rurali contemporanee". In: *Beiträge zur Romanischen Philologie*. Vol. XXV, nº 1, 1986, pág. 140.

e o Inquérito Linguístico realizado em Almalaguês (I.L.A.-90) (2º trabalho de campo), pura intervenção experimental, em que o meu contacto com os informadores foi do tipo social/transaccional.

Para a obtenção dos dados finais do Estudo-Piloto trabalhei com um total de 22h e 47 mn de fita gravada a partir dos testemunhos de uma "amostragem acidental" de sessenta e cinco informadores.

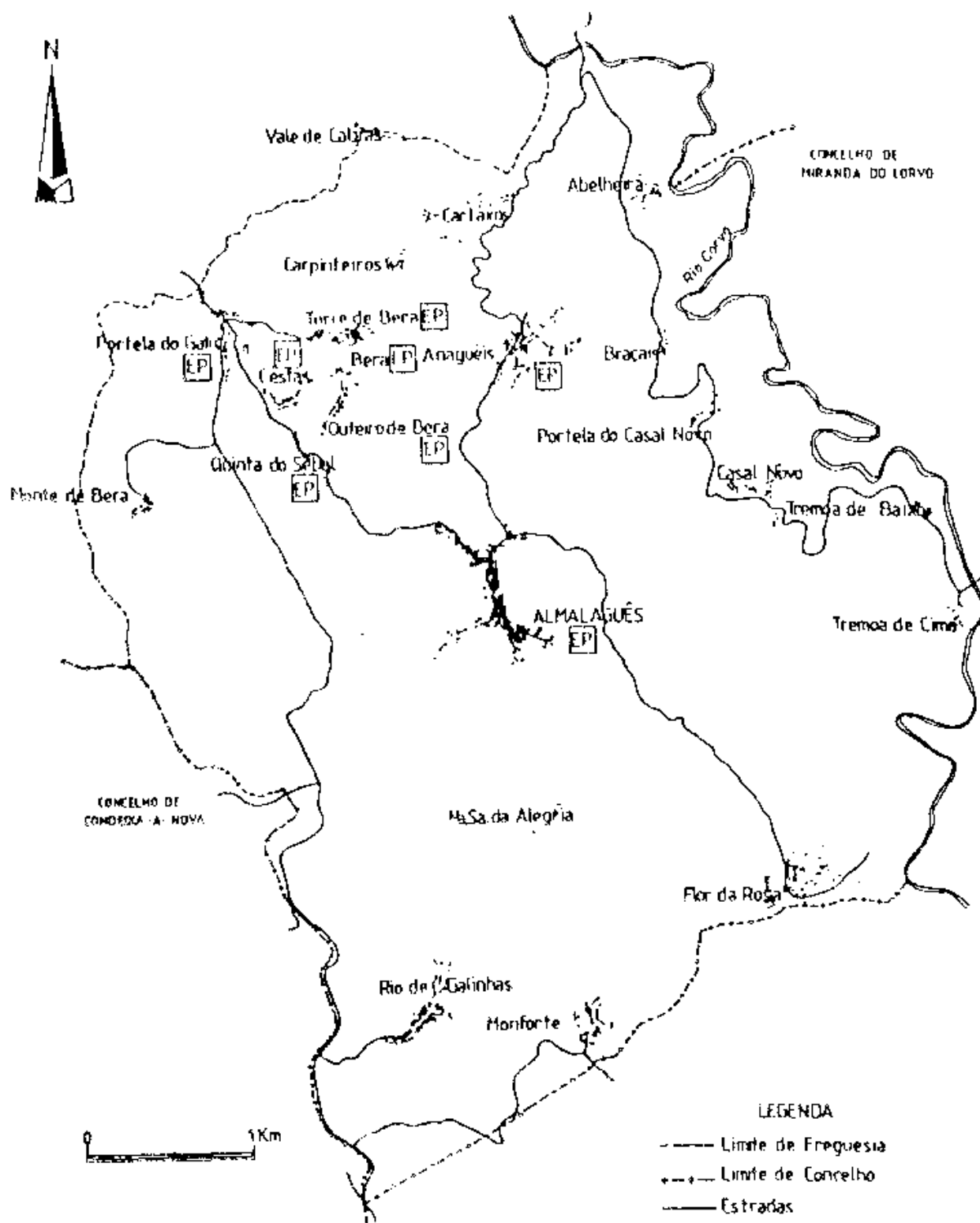
O primeiro grupo de variáveis linguísticas cuja frequência foi testada na fase inicial deste projecto de investigação ordenava-se da seguinte forma:

- a) inexistência da oposição fonológica entre /b/ e /v/ (em expressões como cavala e vida);
- b) prótese da vogal [a] (por exemplo, no advérbio de quantidade quase);
- c) paragoge vocálica em final de palavra terminada pelos arquifonemas /L/ ou /R/ (em palavras do tipo namorar, pinhal, Leonor, Brasil);
- d) vogal mista [u] (em cabeludas, a título exemplificativo);
- e) redução do ditongo crescente [ya] em sílaba átona e em sílaba tónica (como na conjunção temporal enquanto);
- f) realizações do ditongo decrescente [ou] (de louro, por exemplo);
- g) substituição da vogal [ã] em sílaba tónica em final absoluto de algumas palavras por [ẽ] (como em manhã).

O fenómeno linguístico indicado em g) deixou de ser considerado por nunca ter sido detectado durante este primeiro trabalho de campo. Por sua vez, a realização do ditongo decrescente [ou] apresentou índices que a aproximam da exigida pelo padrão linguístico. Estas características popularizantes em vias de extinção revelaram-se imediatamente as mais receptivas à influência exercida pelos meios difusores do modelo verbal na população da freguesia de Almalaguês.

ESTUDO PILOTO

LOCALIDADES DA FREGUESIA DE ALMALAGUÊS ONDE FOI REALIZADO



Ao conjunto destas variáveis foi ainda, por ter exibido uma vitalidade apreciável, adicionada a nasalação da vogal [i] na sílaba final dos verbos, por exemplo, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (destacando-se os da 1ª conjugação) e na 2ª pessoa do singular do mesmo tempo e modo, mas só do verbo *ir*. As formas verbais *hãti*, *saí*, *fui* e *foi* são alguns dos casos recolhidos em que se verifica o fenómeno.

Do Estudo-Piloto pude extrair outras conclusões.

- a) da consideração das variáveis linguísticas seleccionadas, os fenómenos que merecem destaque são: i) a vitalidade da neutralização fonológica entre /b/ e /v/, ii) o desaparecimento da redução do ditongo crescente [ɥa]; iii) os índices elevados da ocorrência da paragoge vocálica à medida que se avança nas camadas etárias, e iv) a actualização da prótese vocálica por indivíduos pertencentes ao grupo social que considere intermédio [de ambos os géneros ⁶ e com idades superiores a 40 anos];
- b) o género masculino afigura-se o mais próximo da norma linguística. A razão justificativa desta "proximidade" revela-se ser a multiplicidade de contactos com o exterior da freguesia proporcionada pelos seguintes factores: i) contactos a nível de círculos profissionais determinados; ii) permanência, ainda que temporária, em variados ambientes sociais; iii) associação da norma verbal à simbologia veiculada pelo Poder;
- c) o grupo C, socialmente mais desfavorecido, revelou-se, em princípio, mais conservador porquanto actualiza, em maior medida, a norma popular, sinal de que não reproduz o comportamento linguístico dos estratos superiores. As causas desta realidade são: i) grau considerável de analfabetismo, de semi-analfabetismo e insuficientes níveis de escolaridade, factores a proporcionar o desconhecimento do prestígio atribuído a este ou

⁶ Para a explicitação deste conceito operatório cf. SMITH, Philip M. - "Sex Markers in Speech". In: *Social Markers of speech*. Edited by Klaus R. SCHERER and Howard GILES. Preface by Klaus R. SCHERER and Howard GILES. Paris and Cambridge (Maison des Sciences de l'Homme and Cambridge University Press), 1979, pág. 109-146.

àquele aspecto linguístico; ii) mobilidade geográfica e social frouxa; iii) marginalização pelos outros grupos da comunidade. As circunstâncias apontadas estabelecem que as diferenças sociais constituem entraves reais à divulgação da variedade linguística modelar;

d) as camadas etárias mais jovens não exibem tantas marcas verbais popularizantes, com predominância das do género masculino, devido a factores que, nos últimos anos, têm vindo a moldar a sua vivência formativa e social: as campanhas de alfabetização, a frequência da escolaridade obrigatória, os contactos mais assíduos com a vida urbana.

De um total de vinte e quatro aglomerados populacionais, foram dezassete os que percorri no âmbito da aplicação do I.L.A.-90, sendo a amostra dos indivíduos entrevistados estatisticamente representativa do universo de que se extraiu. Nenhum dos informadores tinha, entretanto, participado no Estudo-Piloto. O material-base compilado assumiu a seguinte configuração:

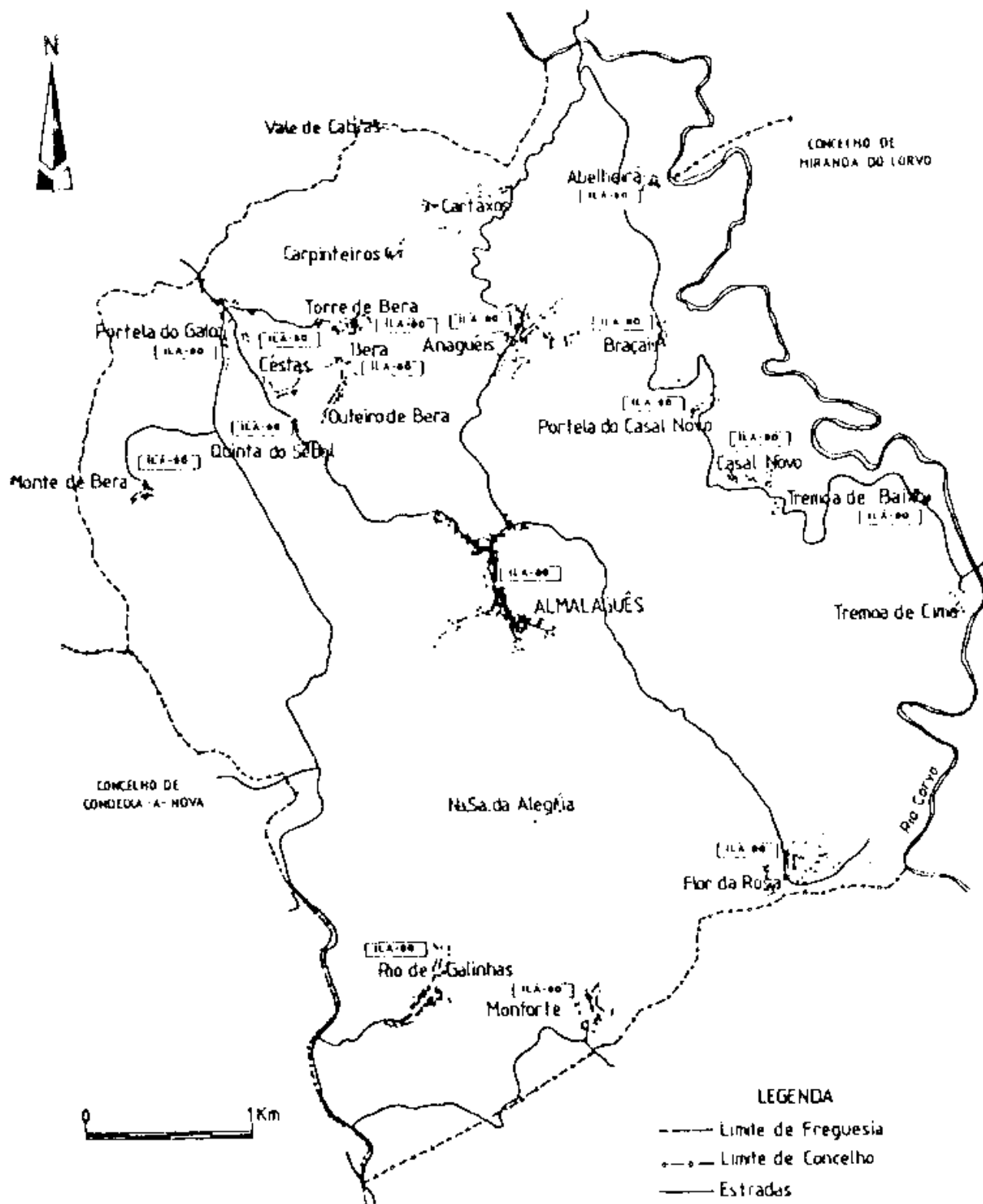
- i) 71 h e 35 mn de fita gravada;
- ii) 24 questionários individuais, com um total de 864 páginas;
- iii) 24 conjuntos de 5 fichas individuais de registo das ocorrências das variantes linguísticas, com um total de 120 páginas;
- iv) 257 páginas de transcrição fonética;
- v) 1 diário do trabalho de campo.

As variáveis linguísticas contempladas foram as referidas pelas alíneas a), b), c) e e) no Estudo-Piloto.

O tratamento estatístico dos dados recolhidos, a análise das tendências do comportamento verbal dos sectores humanos definidos e o estabelecimento e subsequente interpretação dos padrões linguísticos comunais foram possíveis graças à consideração combinada das seguintes variáveis extra-linguísticas: em termos da dimensão diastrática, o

I.L.A.-90

LOCALIDADES DA FREGUESIA DE ALMALAGUÊS ONDE FOI REALIZADO



factor estrato sócio-económico (Fes) calculado matematicamente; na dimensão biológica, o factor género (Fg) e o factor idade (Fi). Alguns aspectos relacionados com as atitudes e opiniões sociolinguísticas dos informadores foram avaliados com o auxílio do factor contacto com a norma-padrão (Fcn) e segundo a proveniência diatópica dos inquiridos no contexto da freguesia - factor (Pg). A aplicação destes dois últimos itens resultou da adaptação da metodologia sociolinguística à realidade verbal particular de Almalaguês.

Se a actualização do sistema durante a realização do Estudo-Piloto correspondeu ao que William Labov designaria por "unreflecting, natural speech" ⁷, com o I.L.A.-90 pude demarcar cinco graus de formalidade discursiva dentro do factor estilo contextual (Fec), uma vez que controlei totalmente os circuitos comunicacionais.

Do I.L.A.-90 inferi o seguinte:

a) o género feminino revelou-se mais sensível ao aumento de formalidade da situação discursiva, muito particularmente nas variantes do tipo de existência da oposição fonológica entre /b/ e /v/ e inexistência da prótese vocálica. Tenho por indubitável que o género feminino possui a clara consciência da dicotomia mundo culto / mundo rural, aliando àquele a característica do poder social exercido através da linguagem verbal. A primeira circunstância é indicador da afirmação do género feminino nesta comunidade particular, sintoma da afirmação mais vasta no conjunto da sociedade portuguesa;

b) o bloco etário 15-40 (com as sub-distinções possíveis 15-20 e 21-40) mostrou-se mais apto na adaptação da técnica linguística às exigências da formalidade enunciativa. As razões deste facto prendem-se com: i) o nível de escolaridade; ii) os contactos com a cidade; iii) a interiorização dos padrões de vida próprios da sociedade de consumo e iv) a assimilação de mensagens veiculadas pelos órgãos de comunicação social.

⁷ WILLIAM LABOV, "The Study of Language in its Social Context". In: *Advances in the Sociology of Language*. 2nd edition. Edited by Joshua A. FISHMAN. Preface by Joshua A. FISHMAN. The Hague (Mouton & Co., Printers), Vol. 1, 1976, pág. 163.

O grupo etário >60 revelou-se despreocupado em relação à eventual adopção de um comportamento verbal inspirado na variedade linguística modelar pelo facto de se sentir muito prestigiado em termos de estatuto social, tendo em conta o (Fi). Consequentemente, este grupo possui um comportamento diafásico mais lento;

c) comuns a todos os informadores do I.L.A.-90 apresentaram-se os altos índices de ocorrência da realização "normal" do ditongo crescente [u̯a];

d) os estratos sócio-económicos médio e baixo reconhecem a importância da linguagem no processo de mobilidade social vertical, daí serem muito sensíveis à variação diafásica. Por este motivo, privilegiaram a existência da oposição fonológica entre /b/ e /v/, a inexistência da prótese vocálica, e actualizaram "correctamente" [u̯a] em graus de enunciação mais formais;

e) o bloco etário 15-40 e o grupo de origem sócio-económico baixo têm consciência de que a competência comunicativa favorece o sucesso individual na sociedade;

f) a paragoge vocálica depois de líquida (realização evitada pelo género feminino, pelo bloco etário 15-40 e pelos estratos sócio-económicos médio e alto) é muito mais popularizante do que a inexistência da oposição fonológica entre /b/ e /v/. A tolerância com que este último fenómeno linguístico é aceite foi confirmada segundo os (Fg), (Fi), (Fes) e (Fcn);

g) todos os entrevistados tentam evitar a redução do ditongo crescente [u̯a];

h) o conjunto [(15-20/(Fes) Médio) (21-40/(Fes) Médio e Alto)] é o mais receptivo a valores sociais alógenos, em virtude: i) dos níveis de escolaridade; ii) dos contactos com a cidade de Coimbra e iii) de uma certa conformação aos modelos transmitidos pelos meios de comunicação social. Este grupo considera os habitantes da cidade de Coimbra como

falantes exemplares da norma verbal e critica duramente os marcadores populares existentes nas práticas linguísticas quotidianas na freguesia;

i) o grupo [41-60/(Fcn) Reduzido, Razoável e Amplo] vive o conflito entre as formas linguísticas que actualiza e as formas linguísticas distintas que sabe serem positivamente valoradas pela comunidade geral. Dai o facto de se mostrar linguisticamente inseguro sem, contudo, deixar de se revelar orgulhoso pela especificidade que ostenta;

j) em geral, os informadores do I.L.A.-90 tendem a considerar o Núcleo de Bera como a zona da freguesia onde "melhor" se fala e a Zona ribeirinha e a Parte sul aquelas onde "pior" se fala. A generalidade dos informadores é igualmente categórica na estigmatização da norma popular. Por outro lado, recolho a conclusão de que é notória uma solidariedade grupal a nível das quatro áreas definidas para efeitos do estudo diatópico *; esta solidariedade não se verifica, porém, em relação à totalidade da freguesia de Almalaguês;

l) dos dados recolhidos nas quatro áreas geográficas que defini nesta unidade administrativa, deparei-me com sensibilidades distintas para com as variáveis, mas obtenho o sentimento de que todas elas aspiram à modificação da sua situação social através de um penoso exercício de adaptação à norma linguística.

Ficou bastante claro que o fenómeno de penetração da língua padrão se deve, essencialmente, a duas ocorrências de matriz sociológica: i) a frequência das saídas e dos contactos efectuados no espaço exterior e ii) a manutenção de interesses de ordem cultural no seguimento da frequência dos níveis de escolaridade.

A preferência dos sujeitos falantes por determinada variante que consideram a de maior prestígio pode não só ficar a dever-se a razões sociolinguísticas (imitação do comportamento verbal da classe social mais elevada, por exemplo), mas igualmente à

* O Eixo Almalaguês-Anaguês constitui a quarta área que tracei no contexto da freguesia em causa.

influência que o registo escrito, estipulado por regras ortográficas, exerce sobre os entrevistados. Neste caso estaremos perante uma actualização qualitativa do sistema.

3. Poderá o leitor interessado questionar a pertinência de um estudo deste género. Essa atitude é tão salutar quanto legítima. Para fundamentar o enfoque do meu trabalho ocorrem-me várias ideias.

O nosso País ainda conta com uma parte relativamente significativa da sua população activa no sector primário, onde a agricultura ocupa a maior percentagem na estrutura do emprego. Os dados dos últimos censos são significativos: em 1981, a população rural ascendia aos 57%; quatro anos depois, os 24% da população activa agrícola, face aos 43 pontos percentuais da população com características urbanas, continuavam a ser elevados, segundo os esquemas classificatórios aplicados às sociedades desenvolvidas⁹. Os dados mais recentes (1990) apontam para um peso de cerca de 18% do sector primário no total da população activa¹⁰. A variedade linguística popular, neste panorama, é um dos elementos culturais que deve despertar a curiosidade de qualquer cientista (do linguista, do sociólogo, do pedagogo, do psicólogo, etc...). Sendo basicamente um fenómeno social e com as mudanças em todos os sectores da vida (pública e privada) portuguesa, registados a partir da década de 60, o seu conhecimento, tanto quanto possível objectivo, permitirá observar, de perto, a manifestação verbal (e muito especialmente oral) dessas transformações: o desaparecimento gradual das suas marcas específicas é um dos custos da função integrativa da língua que o exame crítico atento reconhece numa padronização globalizante, em direcção à qual todos os super-grupos perigosamente caminham.

A inovação linguística parte sempre das cidades e, neste sentido, Coimbra muito tem contribuído, segundo opiniões de alguns especialistas, desde há largas centenas de

⁹ JOÃO PEIXOTO, "O crescimento da população urbana e a industrialização em Portugal". In: Revista Crítica de Ciências Sociais, Nº 22, 1987, pág. 101-114.

¹⁰ Dados fornecidos pelo I.N.E. sobre o 4º trimestre de 1990.

anos, para uma uniformização de particularismos do tecido linguístico regional e até do nacional. Na qualidade de eminente centro de prestígio, permanece exercendo um grande efeito magnético nas populações circunvizinhas, que adaptam a sua competência comunicativa às novas situações nela e por causa dela vividas.

Tenho a perfeita consciência de que os informadores da presente pesquisa possuem outras características para além das tomadas em conta no meu trabalho, razão pela qual a realidade linguística deve ser encarada como uma parcela diminuta de um todo muito complexo, cujas vertentes não se conseguem abarcar simultaneamente e sem o contributo interdisciplinar.